

Marildo Nercolini e Ana Isabel Borges

UFRJ

## Tradução cultural: transcrição de si e do outro

**Resumo:** Este ensaio procura refletir sobre as relações entre língua, cultura e o relacionamento entre povos a partir da metáfora da tradução cultural. Embasados na reflexão sobre tradução de Walter Benjamin, Beatriz Sarlo e Haroldo de Campos e dos teóricos de cultura Bolívar Echeverría e Carlos Rincón, analisamos dois eventos históricos: o atentado às Torres Gêmeas em 11 de setembro de 2001, em Nova York, e o Massacre do *Templo Mayor*, acontecido durante a conquista do México, em 1521.

**Palavras-chave:** tradução, tradução cultural, atentado às Torres Gêmeas, massacre do *Templo Mayor*.

**Abstract:** Employing the metaphor of cultural translation, this paper attempts to think through the relationship between language, culture and the rapport between peoples. Informed by reflections on translation of Walter Benjamin, Beatriz Sarlo and Haroldo de Campos, and on the work of scholars such as Bolívar Echeverría and Carlos Rincón, the paper analyzes two historical events: the September, 11 terrorist attacks on the World Trade Center, in New York, and the massacre in the *Templo Mayor*, during the Spanish Conquest, in 1521.

**Keywords:** translation, cultural translation, World Trade Center terror attack, massacre in the *Templo Mayor*.

### Tradução cultural e tradução literária

Como fazer uma tradução cultural? Quanto de uma cultura pode se exprimir em palavras? Quanto de uma cultura pode ser comunicada através de palavras que nasceram em outra cultura? Em que sentido a teoria da tradução pode ser aplicada a manifestações culturais que incluem, além do verbo, expressões que são produto de outras linguagens? Como a língua, em *A tarefa do tradutor*, de Benjamin<sup>1</sup>, o que é essencial de uma cultura não é o enunciado que se comunica, mas aquilo que excede a comunicação. Nesse ensaio nos propomos a analisar a tradução cultural a partir de dois fatos históricos, o atentado às Torres Gêmeas,

em 11 de setembro de 2001, em Nova York, e o Massacre do *Templo Mayor*, no México, em 1520, momentos que, mesmo distantes no tempo, compartilham uma característica-chave: a ausência do tradutor.

Trabalhamos aqui com o conceito de cultura como um processo comunitário de reprodução de uma dimensão metafísica da existência, que passa pelo natural, mas o transcende, sendo uma ocupação "mediada ou indireta que cultiva a dimensão formal e dramática das ocupações próprias da vida cotidiana".<sup>2</sup> Esse processo é político, num sentido amplo de *polis*, de agregados mais ou menos coesos de seres humanos, que criam formas e códigos próprios ao grupo e que serão percebidos como parte entranhável da sua existência. A linguagem tem aqui papel fundamental, pois é ela que possibilita a aprendizagem e também tem papel fundamental na transformação da cultura.

A linguagem a um tempo é cultura e a expressa, daí decorre que uma tradução faz muito mais que transpor códigos lingüísticos entendidos num sentido estrito e, já que o trabalho para o qual foi criada tem sua origem num encontro, a tradução é ferramenta própria de fronteiras, de lugares ou espaços instáveis, aqueles em que há passagem entre culturas, travessia de identidades, desestabilização de referências culturais. Tradução é um instrumento usado em espaços intersticiais, que são sempre regiões de negociação, a ferramenta com que uma cultura dá forma a uma matéria-prima muito especial: o significado do Outro. É esse o espaço em que as formas e códigos criados por um grupo são desafiados e modificados, jogando por terra a pretensão de uma pureza cultural.

Nessa perspectiva, traduzir para um idioma conceitos, pensamentos, uma obra literária, nascidos em outra cultura transforma-se em um problema também cultural. Traduzir é colocar povos em contato: uma questão, portanto, que envolve o poder, no caso da tradução, o poder de *apropriar-se do significado do Outro*. Damos aqui ao termo "apropriação" um forte sentido negativo, o de tomar o alheio e saqueá-lo. Não é a única atitude possível, mas é a mais freqüente e a menos fértil, porque é na apropriação que o significado se perde e o Outro se deforma.

Traduzir é abordar o Outro. Essa abordagem começa com uma leitura, movimento só aparentemente passivo, no qual quem lê já transforma radicalmente quem é lido ao aplicar a ele seus parâmetros na tentativa de entendê-lo. Logo a abordagem passa a uma fase mais francamente ativa e começa também a se desdobrar.

Como nos lembra muito bem Carlos Rincón<sup>3</sup>, o conceito de tradução cultural tem dupla ascendência teórica. Por um lado a Antropologia Social Britânica, começando com Godfrey Lienhardt até Ernest Gellner, que a coloca como prática

### TERCEIRA MARGEM

de significação central para a Antropologia; por outro, a reflexão anti-hermenêutica surgida com Walter Benjamin sobre a tarefa do tradutor. A partir de Benjamin, ocorre um reenquadramento conceitual da tradução na sua relação com língua, texto e cultura, assumida como metáfora que designa o problema central da condição pós-colonial.

Ao se pensar na relação entre culturas a partir da metáfora da tradução cultural, a questão das fronteiras, dos limites entre culturas se impõe. Como trabalhar as fronteiras próprias de uma cultura? Como ultrapassá-las, rompê-las, sem deixar de levá-las em conta? Cabe refletir sobre alguns aspectos que precisam estar presentes nesse percurso.

Se as fronteiras forem tomadas enquanto pontes que possibilitam o diálogo e não muros que os impedem, outros caminhos se abrem. Para me aproximar de outra cultura e tentar traduzi-la para a minha, às vezes é preciso "desrespeitar" a minha própria, transgredi-la, romper com os seus limites e acolher o Outro. A ruptura parece fundamental para não se reduzir o alheio ao que é próprio do meu mundo.

Aproximar-se do Outro é fascinante e perigoso. *Eros* e *Thánatos* entram no jogo. Quando *Eros* é acionado, esse Outro é percebido como o objeto do desejo do Um, desafio e promessa precisamente por ser diferente; quando é *Thánatos*, o Outro é aquilo no qual o Um não se reconhece e que deve destruir porque ameaça sua identidade – o seu ser transcendente – a partir de códigos culturais incompreensíveis, que podem ser percebidos até mesmo como não-humanos.

Se não permito que o Outro me penetre e faça seus "estragos", questionando o que me é próprio, não permito que a tradução cultural se realize de maneira conseqüente, pois a tentativa de reduzir outra cultura aos padrões existentes na minha é imposição. É exercer o poder de mando. A tradução cultural pede uma relação erótica (entender o Outro não como ameaça à própria existência, mas como desafio e promessa) em que certamente os sujeitos saem diferentes no final do processo, transformados. Permanecem sendo eles, mas penetrados pelo Outro. Transformar o Outro ao mesmo tempo em que se é por ele transformado.

O que pode haver em comum entre duas culturas? Algumas têm importantes pontos de contato, mas outras podem ser tão diferentes que a procura de um equivalente tenha um efeito contrário ao que se busca e impeça a comunicação ou a distorça, de tal forma que o resultado seja comunicar o oposto do que se desejava. Podemos tentar o impossível: tomar duas culturas – nascidas dentro de especificidades históricas e geográficas – e transformá-las em abstrações

para encontrar os pontos de contato, porque nas suas concretudes históricas elas não apenas se diferenciam, mas podem mesmo se opor, ou se afastar até chegar ao ponto do irreconciliável.

**O massacre do *Templo Mayor*: o tradutor sai de viagem**

Ya que Dios, para la conversación y bien de tantos infieles, había proveído de Aguilar, quiso que entre las esclavas que estos señores inviaron fuese una Marina, cuya lengua fue en gran manera para tan importante negocio nescesario; y pues se debe della en esta historia hacer notable mención, diré quién fue (...). Sabía la lengua de toda aquella provincia y la de México, por lo cual fue tan provechosa como tengo dicho, porque en toda la jornada sirvió de lengua, desta manera: que el General hablaba a Aguilar y el Aguilar a la india y la india a los indios.<sup>4</sup>

Hernán Cortés, conquistador do México, saiu da ilha *La Española* para a aventura que a história recorda de diferentes maneiras há cinco séculos, sublevado contra a autoridade do seu superior, Diego Velásquez. Partiu com um grupo de companheiros de armas em direção ao continente, e encontrou nele tudo o que procurava: riquezas em ouro, prata, produtos agrícolas e gente. Astuto, resguardou-se da inevitável futura cólera de Velásquez escrevendo diretamente ao rei suas famosas *Cartas-Relaciones*, nas que narrava o que encontrava no caminho, e que enviava junto com algum eventual objeto de ouro ou prata para melhor agradar e fazer pender para o seu lado o coração de Sua Majestade. No meio da sua jornada, marcada por atos combinados de audácia, inteligência, determinação muitas vezes cruel e sangue-frio, o conquistador, conhecido como o *Malinche*, se encontrará com a escrava-tradutora, Malin, Malintzin ou Malinali, e ambos terão uma relação tão simbiótica que ela será logo chamada de a *Malinche*. Pelo futuro México-Nação, será conhecida como *Malinche*, a traidora. Tradutora e traidora, no sentido mais literal da palavra. Para os espanhóis, ela é às vezes *la lengua*, indicação metonímica da sua função, e outras vezes *doña Marina*, a amante do comandante daquele pequeno exército. Tantos nomes para uma só pessoa: traduz-se uma tradutora. A posição dessa mulher na história do México está sendo intensamente revisada nos últimos anos: tudo indica que a suposta traidora, falante de muitas das línguas da Mesoamérica, conseguiu com as suas traduções a proeza de impedir que os dois bandos guerreassem durante o período de um ano. Período incomensurável, se considerarmos as condições de extrema tensão que delinearemos mais adiante.<sup>5</sup>

Dois mundos completamente diferentes se encontravam: visões de tempo, espaço e vida sem contato encaravam-se nas pessoas dos conquistadores e dos

### TERCEIRA MARGEM

habitantes daquele mundo. Como traduzir a percepção da história, por exemplo, que de um lado é percebida como um fluir contínuo e irrepetível de presente a futuro, e do outro, um acontecer que se repete num movimento cíclico?

(...) ser intérprete no consiste solamente en ser un traductor bifacético, de ida y vuelta entre dos lenguas, desentendido de la reacción metalingüística que su trabajo despierta en los interlocutores. Consiste en ser el mediador de un entendimiento entre dos hablas singulares, el constructor de un texto común para ambas.<sup>6</sup>

Em 1520, tendo já entrado e praticamente conquistado a grande cidade sob a égide da qual quase todas as outras se reuniam, *México-Tenochtitlan*, Hernán Cortés teve que se ausentar do lugar para enfrentar Pánfilo de Narváez, quem vinha representando o enganado Diego Velázquez. Consigo levou a Malinche e, no comando da cidade, deixou Pedro de Alvarado.

Pouco tempo depois começaram em Tenochtitlan os preparativos para a festa do mês de Tóxcatl, que Cortés já tinha permitido, permissão que foi logo ratificada por Alvarado. Era a celebração religiosa mais importante do ano, homenageava os belicosos Huitzilopóchtli e Tezcatlipoca e dela participavam guerreiros nobres escolhidos. Durante o evento, sem razão aparente, Alvarado e seus homens atacaram de surpresa os *mexicas* que dançavam, matando quase todos.<sup>7</sup>

Cortés futuramente calaria em relação ao episódio; não assim Bernal Díaz del Castillo, na sua *Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España*, onde dedica um capítulo ao acontecido. Nenhum dos dois se encontrava em Tenochtitlan quando o massacre teve lugar, já que combatiam juntos, nesse mesmo momento, Pánfilo de Narváez. Isto em relação aos espanhóis contemporâneos e participantes da conquista do México; sobre os cronistas posteriores, nem sequer os mais apologéticos em relação a Cortés, como Antonio de Solís,<sup>8</sup> negam a ocorrência que quase custou a conquista daquele território. Do outro lado dos acontecimentos estão as crônicas indígenas, especialmente os relatos dos informantes de frei Bernardino de Sahagún.

Tanto Cervantes de Salazar quanto Solís asseguram que se preparava uma rebelião, divulgando assim a versão que deu Pedro de Alvarado a Cortés quando este o obrigou a explicações; e ambos redimem o espanhol da acusação de matar para roubar as jóias dos nobres que dançavam (os cadáveres de fato foram espoliados). Os informantes indígenas passam nos seus discursos uma perplexidade total, são mais descritivos do ataque em si, e, ao não discursar sobre as possíveis causas da selvageria, terminam levando o leitor a concluir pela hipótese de uma pura maldade a ditar os atos dos conquistadores. A hipótese

que sustentamos aqui, e que certamente em nada diminui o horror do acontecido, é que os espanhóis de fato pensavam que se armava uma revolta e que esta aconteceria, se não naquele exato instante, dali a muito pouco tempo; e que, no que foi uma ação ditada por um misto de cálculo e medo, por um descontrole em cuja origem teve grande importância a ausência da tradutora, atacaram para evitar serem atacados.

O descontentamento da nobreza de Tenochtitlan com o comportamento entreguista do imperador era evidente para Cortés e seus companheiros de armas. Aquela nobreza era formada por guerreiros e era indubitável que começavam a brotar novas lideranças no solo que o comportamento covarde de Moctezuma preparava a cada dia. Os espanhóis deviam estar também sobremaneira nervosos com a ausência do inteligente e audacioso Cortés, que exercia total domínio sobre o imperador e sabiam que a ascendência de Alvarado sobre Moctezuma era muito menor. Tudo isso estava entremeado por um tipo muito especial de medo. Medo porque eram poucos no meio de muitos que só os aceitavam porque não viam outra saída naquele momento, e que num segundo poderiam mostrar-se abertamente inimigos. E medo poderosíssimo porque esses inimigos quase declarados, filhos de uma outra relação com o universo, eram incompreensíveis e, portanto, imprevisíveis. Na tentativa de entender o que enfrentavam – questão de vida ou morte –, fizeram o mais simples: reduziram o Outro aos próprios pontos de referência e a partir daí perderam o controle.

Não se tratava apenas de morrer; o assustador era o tipo de morte que os esperava. Os europeus partiam do seu imaginário cristão, e o que alcançavam a entender era que, se fossem capturados, seriam mortos num sacrifício a deuses que só podiam perceber como representações do próprio Satanás. Vejamos, por exemplo, a impressão dos peninsulares sobre a entrada do templo de Quetzalcóatl:

La entrada para este templo era una puerta hecha como boca de sierpe, pintada diabólicamente; tenía los colmillos y dientes de bulto, relevados; era tan fea y tan al natural, que no había hombre, por animoso que fuese, a quien no pusiese pavor y espanto, especialmente a los cristianos, que les parecía verdadera boca del infierno; al entrar, por la oscuridad y hedor de la sangre de los sacrificados que dentro había, era más espantable e insufrible (CERVANTES, 1971).<sup>9</sup>

Em relação aos ídolos:

Estaban todos bañados en sangre y negros de como los untaban y rociaban con ella cuando sacrificaban algún hombre, y aun las paredes tenían una costra de sangre de dos dedos en alto y el suelo un palmo; hedían pestilencialmente.<sup>10</sup>

### TERCEIRA MARGEM

Quando comparamos as crônicas dos dois grupos, transparece a desconfiança mútua. Recolhemos aqui as duas interpretações de um mesmo acontecimento, pouco antes da celebração, que foi provavelmente fundamental para que a matança acontecesse: mulheres reunidas no pátio do templo preparam a comida ritual para a festa. Os espanhóis se aproximam. Começamos com a fala indígena: "Salieron los españoles(...) con sus armas de guerra. (...). Pasan entre ellas [entre as mulheres] (...), las rodean, (...) les ven la cara a las que están moliendo. (...) como se supo luego dizque ya en este tiempo tenían la intención de matar a la gente".<sup>11</sup>

A versão espanhola, na voz de Cervantes de Salazar: "(...) que por la mañana el día del baile habían puesto las mujeres infinita cantidad de ollas con agua al fuego, para comer a los españoles cocidos en chile (...)".<sup>12</sup>

Junte-se agora a tal clima de terror a ausência da Malinche, ou seja, a falta de um tradutor confiável, que soubesse que aqueles eram preparativos normais para a festa, que o canibalismo dos mexicas era ritual, e que, portanto, ainda que pudessem de fato serem sacrificados e "comidos" (no ritual antropofágico, apenas um pequeníssimo pedaço, sem condimento de nenhum tipo) – os europeus não seriam cozidos na pimenta, e de qualquer forma antes teriam que serem capturados em combate.

O desenlace deu-se à noite:

Estando, pues, en este baile aquellos caballeros mexicanos, o porque avisaron a Pedro de Alvarado de lo que tractaban, o por ver baile tan solemne e de tan principales personas, o *por otras causas que no se saben*, fue allá, y lo que es *más probable*, por *lengua de algunos españoles que entendieron* la trama, sabiendo que se tractaba de la rebelión de los indios y muerte de los cristianos, tomó las puertas del patio con cada diez o doce españoles, y él con cincuenta entró dentro, haciendo en ellos gran carnicería (Grifo nosso).<sup>13</sup>

#### 11 de setembro: o tradutor rejeitado

Grande foi a perplexidade do mundo, mas sobretudo dos norte-americanos diante do atentado ao World Trade Center e ao Pentágono, em 11 de setembro de 2001. Esse fato obrigou a muitos intelectuais e analistas a repensar seus arcabouços teóricos. Muitas foram as perguntas suscitadas, poucas as respostas encontradas.

A nação contemporânea mais poderosa do mundo, em termos econômicos e militares, aquela que se achava imune a ataques dessa natureza, vê-se no centro de um atentado terrorista de grandes proporções, e justamente é atacada naqueles que são dois dos seus maiores símbolos: as Torres Gêmeas, em Nova York –

símbolo do poderio econômico; e o Pentágono, em Washington – símbolo do poderio bélico-militar.

O que faz com que a considerada capital do mundo contemporâneo, marcada pela diversidade, pelo multiculturalismo, pela presença dos muitos Outros, advindos das mais diversas culturas existentes ao redor do planeta, seja o alvo de um atentado com essas proporções? Como entender as reações dos norte-americanos diante do fato?

"Como podem fazer isso conosco?" Era impossível para um norte-americano, naquele momento, traduzir culturalmente o fato que se desenrolava: eles estavam sendo atacados dentro de seu território, viam cair diante de seus olhos um dos seus símbolos. Talvez uma chave para pensar tal fato seja dada por Avelar<sup>14</sup> quando chama atenção para um aspecto interessante da cultura norte-americana: "Desde la primera infancia se aprende que al signficante 'América' (...) sólo corresponde el pronombre nosotros", não importando que se esteja falando de uma operação militar, corrupção no governo ou lei repressiva<sup>15</sup>. Maneira hábil de criar um sentimento de nação que justifique os atos, sobretudo os mais funestos, de quem tem o poder e o governo do país, colocando sob o manto do "nós" e, assim, dividindo responsabilidades. Nesse jogo metonímico que toma a parte pelo todo, ao "nós" (americanos), corresponde um "eles", também generalizador, o inimigo a ser vencido. Após 11 de setembro esse jogo metonímico se exagera e se reforça no discurso oficial do Governo Bush, assim como no da mídia norte-americana em sua grande maioria. O dissenso não era permitido, pois se queria envolver a todos nesse manto da nação atacada, impedindo uma reflexão mais profunda sobre a política externa norte-americana das últimas décadas, e, assim, as causas do ataque, o outro lado permaneceria calado, sem direito a ser ouvido.

Tomou grandes proporções o resgate dos pretensos valores norte-americanos, materializados em seus símbolos nacionais. Nos dias que se seguiram ao ataque, as rádios e televisões tocavam repetidamente o hino nacional; as bandeiras norte-americanas podiam e podem ser vista em todos os lugares. Para se ter uma idéia, somente a rede Wal-Mart vendeu 315 mil bandeiras nos dois dias posteriores aos atentados. No mesmo período do ano anterior, teriam vendido não mais que 6 mil. Os discursos dos líderes políticos incentivavam esse resgate do sentimento de nação, a necessidade de mostrar a força dos EUA. De acordo com um senador americano: "Exibir a bandeira mostra que não estamos e nem seremos derrotados".<sup>16</sup>

Um sentimento parecia se espalhar: "Nós, norte-americanos, precisamos nos



### TERCEIRA MARGEM

unir e mostrar ao mundo a nossa força. Derrotar o inimigo, custe o que custar". Uma união interna que pode e em muitos momentos tem se demonstrado muito excludente, pois tende a delimitar mais claramente quem integra esse "nós" e a excluir todos os outros, mesmo que esses muitos outros já façam parte dessa cultura norte-americana. Daí a onda de agressões contra muçulmanos e cidadãos do sudeste asiático que vivem nos EUA, agressões físicas e verbais, além de prisões injustificadas de possíveis suspeitos, feitas frontalmente contra as leis.

Os pronunciamentos oficiais de George W. Bush logo após os atentados se configuram como fonte que esclarecem a nossa reflexão. Algumas de suas afirmações: "Haverá resposta a este ataque covarde (...), demoníaco. (...) A liberdade será defendida. (...) Nós mostraremos ao mundo que passaremos por este teste. (...) Podem tocar as fundações dos prédios, mas não as da América. (...) Não há distinção entre terroristas e aqueles que os protegem. (...) Eles falharam"<sup>17</sup>. Um ano após os atentados, ainda se percebe mais claramente no discurso de Bush<sup>18</sup> uma distinção entre o "Nós", os norte-americanos – e em menor escala "nossos aliados" – e "Eles", os inimigos. A grandeza dos EUA e do seu povo é destacada repetidas vezes: grande país, grande batalha, grande missão, grande povo. "Eles" são covardes, inimigos, terroristas, tiranos, fanáticos, cruéis, homens malignos, a escuridão... "Nós valorizamos a vida. Nossos inimigos não valorizam ninguém, nem mesmo os inocentes, nem mesmo eles próprios". "Nós" somos "um grande país", "uma grande democracia", lutamos "para ser tolerantes e justos", "lutamos não para impor nossa vontade, mas para nos defendermos e estender as saudações da liberdade", "nossa causa é a causa da dignidade humana". "Eles" são "um bando de fanáticos da história semeando a morte em seu caminho ao poder", "buscam controlar as mentes e almas de outros". De um lado "a mudança legal", a sociedade "aberta e criativa", a "defesa da vida", do outro a "violência caótica", "a conformidade triste", a "celebração da morte".

A civilização contra a barbárie, o bem contra o mal, discurso maniqueísta, destacando o caráter onipotente norte-americano, adonando-se da prerrogativa de determinar o que é bom, certo e justo para o resto dos povos. Os EUA colocados como a nação que "derrotou tiranos e libertou campos de extermínio", erguendo "a chama da liberdade". Certamente não é o que pensam, por exemplo, boa parte dos chilenos que num mesmo 11 de setembro, somente que em 1973, tiveram seu presidente Allende assassinado e a sede de governo bombardeada por militares com apoio do governo dos EUA. Os EUA colocados no centro, a "esperança da humanidade", chamados a "liderar o mundo" numa cruzada cuja causa seria o resgate da "dignidade humana, da liberdade guiada pela consciência e garantida pela paz". Um discurso que não propõe a reflexão, a análise ao povo

## FICÇÃO E IDÉIAS

norte-americano, mas que enfatiza a emoção fácil, em um tom imbecilizante. O Outro, as outras culturas parecem não ter espaço nesse discurso, cabe-lhes aceitarem incondicionalmente os padrões e os ditames da cultura norte-americana, colocada como sinônimo de civilização.

Esse caráter é também mostrado por Rudy Giuliani ao afirmar que:

O nosso caminho é o caminho do futuro. (...) Não é uma estrada perfeitamente reta e lisa. Mas é inegavelmente o caminho para onde o mundo está indo. E é bom que seja assim. Por uma razão muito simples (...). É que nós estamos certos e eles estão errados.<sup>19</sup>

A mídia norte-americana entrou nessa onda nacionalista. Uma semana depois de 11 de setembro, um dos maiores conglomerados de emissoras de rádio – Clear Channel Communications – lançou uma lista com 150 músicas consideradas impróprias para serem veiculadas na situação em que se vivia. Entre elas, *What a wonderful world*, *Imagine* e *Sunday Bloody Sunday*. Como estabelecer o que seria próprio ou não para ser ouvido? Por que, por exemplo, "Imagine", uma canção pacifista, que prega a igualdade e a convivência entre os povos? Seria porque John Lennon pedisse o fim das nações, da desigualdade e o abraço de todos os povos, indistintamente?

A intelectualidade norte-americana ficou perplexa. Grande parte apoiou as ações de Bush, sem produzir uma reflexão mais crítica e conseqüente, sem analisar o outro lado, as razões, mesmo que as condenando. Vozes dissonantes, como foi o caso de Susan Sontag, eram taxadas de antinacionalistas. Para se ter uma idéia basta recortar uma frase da publicação *New Republic*: "O que Osama Bin Laden, Saddam Hussein e Susan Sontag têm em comum? Todos querem a destruição dos EUA". Igualou-se o pedido de reflexão à dissensão, e a dissensão à falta de patriotismo.

Em seu papel de intelectual combativa e polêmica, Sontag<sup>20</sup> publicou dois dias após o ataque um artigo em que apontava a incapacidade do governo e do povo norte-americano de reconhecer a realidade. Ela afirma que o discurso das autoridades e figuras públicas, após os atentados, não passou de um falatório hipócrita, ilusões e campanha para infantilizar o público, uma "unanimidade retórica cheia de santimônia e ocultadora da realidade", indigna de uma "democracia madura". Afirma que o atentado não foi um ataque "covarde" contra a "civilização", mas sim um ataque contra os EUA em "conseqüência de certos interesses e ações norte-americanos". Mesmo sem concordar com o Outro, mas ao menos disposta a ouvi-lo e a entendê-los, Sontag lembra que o qualificativo "covarde" seria mais adequadamente usado contra os bombardeios norte-americanos ao Iraque, "que

### TERCEIRA MARGEM

matam fora do alcance de retaliação, das alturas do céu, do que aqueles que se dispõem a morrer eles mesmos para matar os outros (...)."

Os chamados "homens-bomba", em suas "missões suicidas", não são facilmente assimiláveis para a cultura ocidental. Os "fidayan", muito comuns no Oriente Médio, tem seu martírio justificado pela busca da libertação de seu povo e pela recompensa posterior, na eternidade, e reconhecimento de seu valor pelos seus. Uma cultura em que a existência individual adquire seu valor quando colocada em relação a um bem maior coletivo, cujo parâmetro é a nação, a fé. Como afirmou um islamita afegão: "Nós temos sido preparados para esta missão em nome da humanidade e também em nome do Islã para dar um basta à opressão e à supressão de nosso povo."<sup>21</sup> Mesmo sabendo que seu ato possa atingir pessoas inocentes, afirma que "não pode ser considerado culpado por isso. Nem tampouco os americanos comuns, também inocentes. Não é nosso erro ou culpa, pois as circunstâncias impuseram essa situação", ambos são "vítimas de homens realmente poderosos que deixaram a situação chegar onde está hoje." Ou como afirma o jornalista palestino Saïd Ghazali analisando o conflito em Israel:

O homem bomba é uma explosão de décadas de desespero. Esperando, lamentando-se, implorando, apelando e resistindo (...). No atoleiro do desespero, os suicidas, homens e mulheres, estão aumentando rapidamente e não porque sejam fanáticos islâmicos, sonhando com a recompensa das 72 virgens do Paraíso, mas porque vivem sob ocupação militar e porque muitos de seus companheiros palestinos foram mortos ou mutilados. A vingança é o que os move agora.<sup>22</sup>

Mas o caminho mais fácil é não ouvi-los e/ou desqualificar aqueles que estão dispostos a traduzir essa diferença e, assim, possibilitar que se pense sobre suas razões, suas crenças, sua cultura, enfim. Para Sontag<sup>23</sup> a declaração de guerra do governo Bush contra o terrorismo parece ser "um mandado para expandir o uso de poder americano", fazer o que quer, quando quiser, não tolerando limites ao seu poder, nem questionamentos. Afirma que a suspeita do pensamento, das palavras e a aversão ao debate faz parte da tradição antiintelectualista norte-americana. Destaca a dificuldade da cultura norte-americana oficial de lidar com o Outro, pois o estrangeiro é tratado como obstáculo.

Num contexto assim desenhado, marcado pelo pensamento fundamentalista de "quem não está conosco está contra nós", dando a esse "nós" o sentido amplo de "América", a existência da tradução cultural fica barrada. Sente-se a falta de tradutores capazes de dialogar com o Outro e de entendê-lo, não embasados em análises generalizadoras que transformam os "muitos" em "iguais", simplificando a análise para justificar o discurso oficial. Mesmo tendo a possibilidade de escolher

uma série de tradutores, capazes de estabelecer o contato, o Governo Bush não somente os deixa de lado, como os desqualifica. Se no caso da Destruição do *Templo Mayor* o tradutor – Malinche – está ausente fisicamente, pois acompanhava Pizarro em viagem, no caso norte-americano atual o tradutor também está ausente, não por opção, mas porque sua presença não é aceita, sua análise é desqualificada. Suprime-se o discurso do "Outro", do diferente e também daqueles que poderiam traduzi-lo. A Babel se instala e a destruição da Torre se consuma.

### **Novas relações com o Outro: o tradutor presente**

"Detrás de nosotros estamos ustedes".

A frase anterior faz parte da tradução do idioma *lacandón* para o espanhol de uma mensagem do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), tradução feita por membros do próprio EZLN e citada por Walter Mignolo e Freya Schiwy num encontro sobre apropriação cultural. Os dois pesquisadores se concentram na dificuldade de traduzir elementos aparentemente tão simples da língua como podem ser os pronomes, quando as cosmovisões que correspondem aos idiomas em questão são diferentes.

The fracture in the sentence is the fracture produced by the presence and intervention of the "other" grammar, the grammar of Amerindian languages. There are two interrelated elements that deserve attention. One is the grammar and the other the cosmology out of which grammar exists or which grammar mirrors. [...] Lenkersdorf describes Tojolabal as an inter-subjective language and by that he means that it is a language which, unlike in Spanish or English, doesn't have direct or indirect objects. [...] Amerindian languages ... are based in a cosmology in which persons, living systems and nature are not object but subjects.<sup>24</sup>

Mais que nada, o que nos interessa aqui é a solução que se encontrou: em vez de uma simples tradução de pronome a pronome, em vez de uma explicação, equivalente a uma nota de pé de página se fosse um texto acadêmico (e não um comunicado político), a opção da versão do EZLN foi a de "quebrar" o idioma-alvo, no caso o espanhol, fazendo-se entender ao mesmo tempo em que guardavam as suas diferenças – e as do Outro. Como nos lembra Benjamin, a tradução que tem a pretensão de buscar a fidelidade palavra por palavra não assegura o sentido pleno do texto original, pois "a tradução, ao invés de se fazer semelhante ao sentido do original, deve, em movimento amoroso que chega ao nível do detalhe, fazer passar em sua própria língua o modo de significar do original".<sup>25</sup>

É a mesma proposta de Haroldo de Campos no seu trabalho com o Gênesis. No

### TERCEIRA MARGEM

caso, é uma tradução, ou seja, o idioma-alvo é o do tradutor. Na citação que segue, é o autor que fala:

A chamada "Segunda História da Criação" inicia-se no versículo 5º do capítulo II do "Gênese" ("Bere'shith – No começar"), tendo como intróito o 2º hemistíquio do versículo 4º desse capítulo: No dia/de os fazer / Ele-O Nome-Deus / terra e céu fogo água"(conforme se lê em minha "transcrição", "Bere'shith – A Cena da Origem", Perspectiva, 1993).<sup>26</sup>

A língua é quebrada e seus cacos são articulados para vencer (o que no caso significa o contrário de anular ou destruir) as distâncias de tempo e cultura. Na palavra "transcrição" Haroldo de Campos recupera a parte de arte, de doação de forma que toda tradução tem, especialmente a que trabalha com tempos ou culturas muito distantes. Criar através do original. Um "dar forma" muito especial, com uma matéria-prima também muito especial, que parte das estranhíssimas condições de trabalho do tradutor. "Dar forma" inclui transformar; mas no caso da tradução, é um transformar sendo o mais fiel possível, pois a matéria-prima, o significado do Outro, tem que mostrar, no final do processo, um rosto que mantenha seus rasgos próprios, mas que ao mesmo tempo possa se refletir no único espelho de que disponho, o da minha língua.

Haroldo de Campos faz uma série de considerações históricas e culturais para embasar seu trabalho. No seu caso – em que a escrita é o resultado da tradução, e não a oralidade – aproveita inclusive o espaço da página e sua visualidade para realizar traduções como: "E disse o homem/ esta desta vez osso/ de meus ossos/ e carne de minha carne/ A esta chamarei MULher/ pois do homem-hÚMUs esta foi tomada".<sup>27</sup>

Por que homem-hÚMUs e MULher, em vez de Adão e Eva? Qual é, além disso, a razão desta combinação de maiúsculas e minúsculas?

Para corresponder ao jogo de palavras com que o texto bíblico salienta a criação do homem ("adam") a partir do pó da terra ("adamá"), II, 7, procurei compensá-lo com a correlação homem/ húmus (uma associação já registrada em Quintiliano, abonada modernamente por Ernout e Meillet).<sup>28</sup>

O respeito excessivo pela própria língua/cultura pode levar o tradutor a "perder" esse Outro. "É preciso ampliar e aprofundar sua própria língua [cultura] graças à língua [cultura] estrangeira".<sup>29</sup>

**Novas questões, possíveis caminhos**

Desde *Imagined Communities*, de Benedict Anderson<sup>30</sup>, tem-se refletido e produzido muito material sobre as culturas assim chamadas "nacionais" e suas tendências numa época de globalização. Algumas conclusões bastante sólidas foram alcançadas e já formam parte do pensamento pós-década de 80. Entre elas, a de que uma "cultura nacional" é um mito criado com a formação dos estados nacionais, mito que ignora, ou que coloca sob a égide dos valores da cultura de um só grupo – o dominante na formação desses estados – outras culturas, menos "interessantes" para a criação do mito; ou a de que não existe nenhuma "essência" nacional, ou "gênio" imutável de um povo, mas que uma cultura é um fato em permanente construção, transformação e em contínuo processo de permeação. Como nos mostra *Culturas Híbridas*, de García Canclini (1987)<sup>31</sup>, as culturas são porosas e se constituem no contato com outras. Partiu-se disso tudo para concluir pelo processo de hibridação e pela permeação cultural global como tendência presente a aprofundar-se no futuro.

Vinte anos depois de *Culturas Híbridas* se dá um acontecimento que vemos como geminado: a explosão das Torres Gêmeas, seguida pela brutal reação do governo e da maior parte da população norte-americana. A contundência desse evento põe em dúvida, ou pelo menos exige uma problematização intensa de tudo o que foi dito até agora sobre tolerância e permeação cultural, porque é um acontecimento cuja mensagem é, de qualquer um dos lados: nós não nos deixamos penetrar. No caso também aqui analisado do Massacre do *Templo Mayor*, no México, percebe-se a dificuldade dessa permeação. A possível abertura ao Outro parece sempre ameaçada por interesses que, para realizar-se, precisam partir da anulação do Outro. Seria possível, então, a tradução cultural? Em que parâmetros?

Beatriz Sarlo<sup>32</sup> afirma que as traduções "operam criando uma espécie de língua artificial" situada entre a língua traduzida e a língua que se traduz. Podemos ampliar tal reflexão para a tradução cultural, em que não somente se busca a tradução da língua, mas amplia-se o leque e busca-se traduzir a cultura do Outro nas suas distintas dimensões. A tarefa do tradutor cultural ao tentar fazer com que uma cultura não somente seja aceita, mas entendida por outra, acaba por criar um terceiro espaço, ou melhor, ocupar um espaço entre as duas culturas em questão, um entrelugar possibilitador do diálogo entre elas. Sarlo afirma que a tradução é um processo dialógico aberto e sujeito a mal-entendidos, a equívocos, que além de serem normais no processo, podem ser produtivos. Uma das razões, senão a principal, desses equívocos é a não existência de uma correspondência perfeita entre "práticas e culturas diferentes". As culturas são marcadas pelos conflitos

### TERCEIRA MARGEM

internos e tais conflitos também se fazem presentes na relação com outras culturas ou práticas culturais.

Sarlo lembra que "a tradução é, simultaneamente, comunicação e obstáculo, uma vez que as línguas [culturas] nunca se refletem umas nas outras como em um espelho".<sup>33</sup> A tensão que se estabelece nesse processo de tradução cultural entre aproximação/possibilidade e afastamento/conflito/impossibilidade é uma tensão que pode ser criativa e levar o tradutor a ficar sempre alerta e a ter claro que seu trabalho nunca está terminado ou perfeito. O conflito é sua marca indelével e fugir dele é também fugir da possibilidade de uma tradução cultural conseqüente e proveitosa.

A metáfora da tradução cultural coloca uma questão fundamental para os dias de hoje: como entender/compreender uma cultura que não seja a minha? Como conviver com esse Outro, tendo presente o que nos aproxima e o que nos afasta, os conflitos e o diálogo. Não é uma interpretação para minha cultura do que seja o Outro, muito menos sua versão aceitável/palatável. A tradução cultural implica um contato cultural profundo entre duas ou mais culturas. Aproximar-se e deixar-se tocar pelo desconhecido, mesmo correndo-se o risco do enfrentamento, do conflito, parece ser uma maneira mais profícua ainda que certamente mais trabalhosa de entender o Outro.

O *lócus* da tradução cultural é o limiar entre culturas, terreno instável, podendo ser perigoso ou criativo, dependendo se a aproximação com o Outro vem acompanhada de imposição ou diálogo, muros ou pontes, *Thánatos* ou *Eros*.

Possibilidade-impossibilidade: a tradução trabalha nesse limiar: entre a impossibilidade da tradução total e completa e as muitas possibilidades de diálogos, aproximações, tentativas melhor sucedidas, embates...

**Marildo Nercolini** é Doutorando em Literatura Comparada pela UFRJ, com o projeto: "*VAMO IMBOLÁ: A MPB E O ROCK ARGENTINO REPENSAM AS FRONTEIRAS GLOBALIZADAS*", em fase de conclusão. Doutorado Sanduíche – CAPES, na Universidad de Buenos Aires, maio-outubro de 2001. Mestre em Sociologia – UFRGS. Professor de Teoria Literária I, Faculdade de Formação de Professores – UERJ. Publicou recentemente: Beatriz Sarlo: uma voz argentina (em *Veredas*, RJ, v.75, p.14-19, 2002), Um tango desfigurado – entrevista Beatriz Sarlo (*Jornal do Brasil*, RJ, 15 dez 2001, Caderno Idéias, capa e p.2), Beatriz Resende (*verbete*) (*Biblos – Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 2002) e Por entre caminhos e descaminhos a nação se dissemina (*Revista Alea*, vol. 3, n.2 – Revendo o Século XX. UFRJ, RJ, jul/dez 2001).

## FICÇÃO E IDÉIAS

**Ana Isabel Borges** é Doutoranda em Letras Neolatinas pela UFRJ. Publicou recentemente: Reflexiones sobre identidad femenina y su ocultamiento en sor Juana Inés de la Cruz (*Revista APEERJ*, RJ, ano 5, n. 5, p. 186-191, 2002), La construcción cíclica de un cuento de Borges (*Hispanismo 2000*. ABH, Ministerio de Educación, Cultura y Deporte de España: RJ, 2002. p.654-661), além da tradução dos poemas Azoteas e Pontos de Mira, de Eduardo Hurtado, Contra a luz do trovão e As cansadas palavras de sempre, de Francisco Hernández para a revista *Poesia Sempre* (n. 15, nov. 2001 p.27-28. RJ, Fundação Biblioteca Nacional).

### NOTAS

<sup>1</sup> BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, s/d.

<sup>2</sup> ECHEVERRÍA, Bolívar. *La Modernidad de lo Barroco*. México D.F.: ERA, 1998. p.132

<sup>3</sup> RINCÓN, Carlos. Antropofagia, reciclaje, hibridación, traducción o: cómo apropiarse la apropiación. *Nuevo Texto Crítico*, vol.XII, n. 23/24, jan/dez 1999.

<sup>4</sup> SOLÍS, Antonio de. *Historia de la Conquista de México*. Madri: Espasa-Calpe, 1970, 4. ed. Capítulo XXXVI, Cómo Marina vino a poder de los nuestros y de quién fue. Edición digital consultada em: <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/Sirve0bras/03588391088510497416746/index.htm>

<sup>5</sup> Ver para isso o capítulo *Malinche, la lengua*. In: ECHEVERRÍA, B. Op.cit.

<sup>6</sup> Id., ibid. p.21.

<sup>7</sup> Entre 600 e 1000, de acordo com Cervantes de Salazar.

<sup>8</sup> SOLÍS, A. Op.cit.

<sup>9</sup> CERVANTES DE SALAZAR, F. *Crónica de la Nueva España*. Madri: Atlas, 1981. Edição digital consultada: <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/Sirve0bras/89198407544584973075568/index.htm>

<sup>10</sup> Id., ibid.

<sup>11</sup> PORTILLA, Miguel León (Org.) *Visión de los vencidos: Relaciones indígenas de la Conquista*. México: UNAM, 1989. Edição digital consultada em <http://biblioweb.dgsca.unam.mx/libros/vencidos/>

<sup>12</sup> CERVANTES, op.cit.

<sup>13</sup> Id., ibid.

<sup>14</sup> AVELAR, Idelber. Violencia y símbolo. *Revista de Crítica Cultural*, n.23, nov.2001. (Textos de Emergencia.)

<sup>15</sup> Avelar (Op. cit.) cita por exemplo: "What we did in Vietnam was horrible... hay poquíssimos norteamericanos, por más progresistas que sean politicamente, que no se refieran a la guerra de Vietnam con esta articulación pronominal: criticando la invasión, pero incluyéndose dentro de ella".

<sup>16</sup> CRANE, M. *Uma onda de patriotismo e bandeiras invade os Estados Unidos*. 13set.2001. In: <http://www.uol.com.br/ajb/ult463u5991.shl>. Acessado em 14.ago.2002.



### TERCEIRA MARGEM

- <sup>17</sup> BUSH, George. Pronunciamentos feitos logo após os atentados de 11set.2001. In: <http://www.uol.com.br/inter/reuters/ult27u13657.shl>, <http://www.uol.com.br/ajb/ult463u5624.shl> <http://www.uol.com.br/ultnot/ult265u4817.shl>. Acessados em 14.ago.2002.
- <sup>18</sup> Discursos preferidos por George W. Bush em 11set.2002. In: <http://www.uol.com.br/midiaglobal/ult689u23.shl> e <http://www.uol.com.br/times/nytimes/ult574u1982.shl>. Acessados em 12set2002.
- <sup>19</sup> GIULIANI, Rudy. Para que o mundo jamais esqueça o que aconteceu no Ponto Zero. *Time*, set.2002. In: <http://www.uol.com.br/time/ult640u224.shl>. Acessado em 12.set.2002.
- <sup>20</sup> SONTAG, Susan. O cálculo da dor, *Folha de São Paulo*, p. 11, 23.set.2001, Suplemento Mais! (artigo originalmente publicado em 13set2001, na revista New Yorker.)
- <sup>21</sup> Entrevista concedida a Paul Harris, jornalista de "The Observer". Ver: Harris, P. "Suicide Mission" In: <http://www.observer.co.uk/islam/story/0,1442,591512,00.html>.
- <sup>22</sup> GHAZALI, Said. "Os homens bombas são o resultado terrível, mas inevitável, de décadas de desespero". In: [http://www.midiaindependente.org:8081/front.php3?article\\_id=21371](http://www.midiaindependente.org:8081/front.php3?article_id=21371)
- <sup>23</sup> SONTAG, S. Batalhas verdadeiras e metáforas vazias. *New York Times*, 10.set.2002. In: <http://www.uol.com.br/times/nytimes/ult574u1975.shl>
- <sup>24</sup> MIGNOLO, W. e SCHIWIY, F. *Translation, transculturation and the colonial difference*. Conferência dada no Encontro/Simpósio internacional *Apropriação cultural hoje*. Berlim, 26/27 de junho de 1998. p.5.
- <sup>25</sup> BENJAMIN, W. Op.cit. p.xvii.
- <sup>26</sup> CAMPOS, Haroldo. A astúcia da serpente, *Folha de São Paulo*, p.4, 7.mai.1995, Suplemento Mais!, p.4-5. Ver também do mesmo autor: A língua pura na teoria da tradução de Walter Benjamin, *Revista USP*, n.33, p.61-71, mar/abr/mai 1997.
- <sup>27</sup> Id., *ibid.*, p.5.
- <sup>28</sup> Id., *ibid.*, p.5.
- <sup>29</sup> PANNWITZ, *apud* BENJAMIN, *A tarefa do tradutor*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, s/d. p.xx.
- <sup>30</sup> ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. Londres: Verso Editions, 1983. (Traduzida para o Brasil como: *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.)
- <sup>31</sup> GARCIA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad*. México: Consejo Nacional para la cultura y las Artes, Grijalbo, 1987.
- <sup>32</sup> SARLO, Beatriz. A literatura na esfera pública. In: MARQUES, R. e VILELA, L.H. (org.). *Valores: arte, mercado, política*. Belo Horizonte: Editora UFMG/Abralic, 2002. p.50.
- <sup>33</sup> Id., *ibid.*, p.50.